

## Cartas a um velho colega – III

*Amigo Carlos Augusto*

Fiquei muito contente pelo fato de você ter- me telefonado do Recife para dizer que, pouco antes de partir, a secretaria entregou- lhe a minha cartinha. E você diz que ficou ainda mais curioso com a conceituação do que se deve entender por casamento. E o que esperar dele.

Como você me expressou o desejo de encontrar uma resposta ao voltar, capaz de elucidar suas indagações, apresso- me a dizer mais alguma coisa.

Para não lhe dar indigestão vou por partes, lançando aqui mais algumas idéias.

Quem sabe se pudermos almoçar junto para melhor discutir o assunto.

Não sei se você sabe mas em 2006, no mês de Julho, fomos a Lourdes, na França, onde está um dos mais visitados Santuários de Nossa Senhora no mundo. Éramos mais de 3 mil casais das Equipes de Nossa Senhora, vindos de todas as partes do planeta. Cito o fato porque, alí na nossa Peregrinação, foi- nos possível entender, de uma forma bem viva, a catolicidade da Igreja. Não apenas pelas várias línguas que se ouvia falar nos encontros e pelas ruas, tomadas por equipistas. O mais impressionante foi o dia em que a Missa, realizada ao ar livre, na majestosa planície em frente à Gruta por onde ocorre apressado o encantador no Gavião. A cerimônia revestiu- se de uma alegria contagiante mercê das danças e os muitos cânticos entoados pelos equipistas da África, todos trajando os seus vistosos trajes. E dizer que eles. (animados por uma cultura bem diversa de nossa e costumes tão diferentes eram tão cristãos e tão membros das ENS como qualquer um de nós, brasileiros, franceses ou americanos!).

A vontade de partilhar com você um pouco da alegria que tivemos em Lourdes, fez- me perder a rota de nossa conversa sobre o casamento. Nem tanto, porém. É que em um dos dias, na reunião geral na imensa Basílica subterrânea S. Pio X (é capaz de abrigar 30.000 pessoas) Priscila e Jean Luis, da Bélgica, em palestra que pronunciaram junto com um Jesuíta – também belga e de nome complicado Mateewus – nos disseram algo importante, bem adequado à nossa conversa na calçada da mais paulista de todas as avenidas de nossa cidade.

Eles nos disseram que “o sim na cerimônia nupcial contém como como que uma semente, o germe de toda a vida futura dos noivos”. E acrescentavam esta noção fundamental, nem sempre recordada ou até que passa completamente despercebida: “pelo sim tornamo- nos ou melhor, damos origem a um **novos**, o casal. Daí em diante já podemos falar em “nós” e agir em nome de “nós”.

É de justiça dizer que a autoria desta noção de casal não pertence a Priscila e ao Jean. Na verdade eles fizeram o favor de recordar o que, lá no começo da Igreja, um sírio, por sinal formado em Direito – meu colega, portanto – já havia anunciado: “marido e mulher devem lembrar- se que, uma vez casados, não são mais dois, mas um só ser”. O ensino de São João Crisóstomo que, como bom advogado, falava muito bem , daí haver recebido o cognome de o “boca de ouro”. O texto está na famosa coletânea que um paciente e dedicado autor, o Migne, fez de toda obra escrita pelos chamados Padres da Igreja, no começo de nossa era. O texto citado está na Patologia Grega, nº 289. Coerente com esta afirmação, o Crisóstomo disse algo que Pe. Caffarel – inspirador das Equipes – gostava de repetir, olhando com ar irônico para os sacerdotes presentes: “aquele que não está casado não é um, mas metade de um”. (“Carta de los Equipos”, Espanha, nº 126, Nov- Dec. 1987, pág.22”)

Você não esperava, meu caro, por isso. O fato é que ficamos devendo ao casal belga, uma idéia absolutamente capital para seguirmos em nossa conversa, agora, talvez, tocando em assunto bem mais rico e profundo do que aqueles de nossas conversas à saída do Colégio. Ou aquelas outras, à saída das festinhas que se prolongava madrugada a dentro.

Até breve. Não se esqueça de me chamar na sua volta.

Receba um abraço o vetusto colega,

*Luiz Marcello Azevedo.*